

UFRGS – INSTITUTO DE LETRAS
Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa
Trabalho de Conclusão de Curso

**REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE FERNÃO DE OLIVEIRA PARA
DESCRIÇÕES LINGUÍSTICAS ATUAIS**

Karine de Vargas Soares¹
Sabrina Pereira de Abreu²

RESUMO: Trata-se, neste artigo, de buscar na contemporaneidade reflexos do pensamento linguístico de Fernão de Oliveira. Para tanto, é apresentado o contexto histórico no qual sua gramática emerge e a síntese de suas principais contribuições. Os estudos desenvolvem-se por meio da análise de escritos e compara a *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536) e *A nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2007). Em especial, o entendimento de Fernão sobre alguns conceitos linguísticos será aqui observado, procurando-se, assim, verificar a influência de Fernão de Oliveira nos achados linguísticos da atualidade.

Palavras-chave: Gramática histórica; historiografia da língua portuguesa; conceitos linguísticos.

Introdução

“[...] porque das coisas nascem as palavras, e não das palavras as coisas”

Fernão de Oliveira

A escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso surgiu em meio ao gosto e interesse pelos aspectos históricos e evolutivos inerentes à língua. A começar, a escolha do autor foi de extrema importância para a delimitação do tema: Fernão de Oliveira. A obra de Fernão (1507-1581) é uma compilação cultural que descreve variados usos linguísticos. A pesquisa visa estudar, ainda de forma exploratória, a história da tradição gramatical e procurar verificar em que medida existe alguma influência da gramática de Fernão de Oliveira em algumas gramáticas da atualidade. Os estudos, portanto, objetivam produzir um trabalho comparatista sobre como as

¹ Graduada em Letras pela PUCRS (2010), pós-graduanda no Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

² Professora da 8ª edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

ideias linguísticas do autor ecoam até os dias de hoje, traçando, assim, o legado de Fernão de Oliveira como fio condutor dos atuais estudos linguísticos.

Tal estrutura intertextual construída visa verificar de que forma sua obra dialoga com a dos gramáticos contemporâneos e situar como seu caráter sociolinguístico, já observado por estudiosos como Dinah Callou, Emilio Gozze Pagotto e Eunice Nicolau, ainda hoje é reconhecido, como referenciado por diversos autores que estudam a obra de Fernão de Oliveira. Pretendemos aqui tratar, sobretudo, de questões de língua e linguagem e variação. Todavia, vale lembrar que, apesar da gramática de Fernão de Oliveira não ter feito escola, ela foi muito importante na reflexão sobre os usos da língua à época do português quinhentista.

A escolha desse assunto para tratar no trabalho de conclusão de curso em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa justifica-se à medida que o professor deve mostrar ao aluno como a língua portuguesa evoluiu, mudou ao longo do tempo, ou seja, não deixar de lado seu caráter essencialmente evolutivo. Nessa perspectiva, este artigo visa proporcionar ao professor um material de apoio para tratar da história da língua, em especial do pensamento gramatical. O traçado histórico-gramatical faz-se, portanto, de suma importância para a compreensão das mudanças linguísticas ao longo dos anos. É essencial compreender como as mudanças ocorreram na língua para o entendimento das que virão. O trabalho procurará, em suma, identificar Fernão de Oliveira como o primeiro gramático descritivista da história.

Na seção 1, “A identidade nacional em Fernão de Oliveira”, trataremos do contexto no qual sua gramática é escrita e os reflexos que este contexto teve em sua obra. A subseção 1.1, “Um breve resumo do pensamento linguístico de Fernão de Oliveira”, visa evidenciar os pontos mais significativos em sua obra; os aspectos fonéticos, aqui, recebem uma atenção maior. Na seção 2, daremos início à organização do corpus e das categorias de análise. A seção 3, por fim, traz os dados de análise por meio de um estudo realizado mediante comparação entre a *Gramática da linguagem portuguesa* e *A nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, observando o pensamento de Fernão sobre os conceitos de língua e de linguagem, e do fenômeno da variação linguística.

1. A identidade nacional em Fernão de Oliveira

A linguagem é o maior bem do ser humano. É a partir dela que o sujeito se define, que uma nação se fortalece e que o mundo se sustenta. O contexto histórico-social no qual Portugal está inserido na segunda metade do século XVI é delicado – surge a necessidade de firmar o Estado, ou seja, a necessidade de afirmação de uma nação sólida e unificada que consolide o país e represente seu povo. Vários elementos compõem a identidade de um país, mas, sobretudo, o sujeito é quem a constitui. Dentre outros elementos, a língua ocupa um papel fundamental na formação da *identidade nacional* de uma nação. Segundo Stuart Hall (2006), a identidade nacional é o que difere uma nação de outra. “Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’” (HALL, 2006, p. 49). Assim, uma rede se forma: o sujeito se reflete em sua nação, identifica-se com ela e a defende. A nação, por sua vez, também se reflete no sujeito, mas de uma maneira mais ampla. A língua é o elemento fundamental que liga sujeito e nação.

O ano é 1536, e é dentro deste contexto histórico-social que Fernão de Oliveira publica, em Lisboa, a primeira gramática da língua portuguesa, a *Gramática da linguagem portuguesa*. Do latim, *grammatīca* e *grammatīce*, ciência gramatical; do grego *grammatikḗ*, ciência ou a arte de ler e escrever.³ “Sempre associada à Retórica, como arte de bem falar e bem escrever, a Gramática visava primordialmente [ao] ensino das principais regras do latim” (BUESCU, 1984, p. 9). Hoje, a concepção de gramática é mais ampla, e abrange um conjunto de regras usadas para determinado uso de uma língua não somente da norma culta, mas também das variantes não padrão. Fernão de Oliveira foi, portanto, o primeiro gramático a procurar descrever a língua por meio de seus usos e desenvolveu uma espécie de consciência das mudanças linguísticas já à sua época. A obra desse gramático, sem dúvida, trouxe muitas contribuições para os estudos linguísticos em língua portuguesa.

“Escrevi sem ter outro exemplo antes de mí” (Capítulo L). Assim, Fernão de Oliveira rejeitou a tradição gramatical latina e partiu de seus próprios preceitos para construir a sua gramática, no qual já se notava, sobretudo, o respeito do autor pela diversidade da fala e o contato linguístico como essência do seu trabalho. Fernão acertou, por exemplo, alguns pontos que mais tarde seriam revistos pelos estruturalistas: “A cada instante, a linguagem implica ao

³ Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa: <http://houaiss.uol.com.br/>.

mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (SAUSSURE, 2012, p. 16). A constituição da gramática sempre foi uma forma de dualidade – a teoria da língua e a essência da língua. Podemos notar, aqui, que a língua se faz de contrapontos: locutor e alocutário; regra e uso; sincronia e diacronia; formal e informal e assim por diante. A dualidade é o que forma o produto *língua* e faz com que ela seja reconhecida em suas várias facetas, acessível a todos os seus falantes.

Valendo-se de uma nomenclatura gramatical curiosa, a qual não foi seguida por nenhum outro gramático, Fernão discorre seu *entendimento*: “A linguagem é figura do entendimento” (Capítulo I). Outro destaque foi também sua grande controvérsia – posto que seu modelo de gramática não foi seguido, seria, ainda assim, Fernão de Oliveira o primeiro gramático da história?

Claro que em Fernão de Oliveira se desejariam naturalmente maior desenvolvimento dos temas, melhor distribuição, sistematização mais apurada. O próprio autor estava cômico das deficiências, tanto que por cinco vezes se descontenta e roga desculpa delas prometendo e reprometendo falar mais largamente em uma outra obra. (ASSUNÇÃO E SANTOS, 2009, p. 21-22)

Ora, Fernão tinha consciência de que sua gramática abria espaço para discussões que não caberiam ali. Sobretudo, sua gramática trouxe luz e tornou o português uma língua de comunicação. Assim, merece lugar privilegiado na historiografia da língua portuguesa e na linguística.

1.1 Um breve resumo do pensamento linguístico de Fernão de Oliveira

A gramática de Fernão de Oliveira é basicamente de caráter descritivo, mas com a ressalva de que ele parece acreditar que um sistema linguístico sofre de mudança de acordo com o uso que os falantes fazem dele. Nas subseções seguintes, devemos observar alguns de seus preceitos mais relevantes e que foram fundamentais para o desenvolvimento das disciplinas em linguística tais como hoje se conhecem.

1.1.1. Do conceito de língua e linguagem

Fernão de Oliveira parte da “definição da linguagem como uma ‘figura de entendimento’ [...] A concepção de língua como um fato humano e, portanto, social” (NICOLAU, 2009, p. 145). Em outro viés, para o gramático, a língua é, sobretudo, sinônimo de nacionalidade. O português passou por várias transformações desde o galego até os dias de hoje, questões territoriais e de dominação entre os povos nos primórdios marcaram os processos evolutivos da língua – a língua é a maior identidade de um povo. Como já contextualizado, devido à necessidade de firmar a identidade da nação portuguesa, Fernão de Oliveira percebeu que a língua poderia ser um elemento de ligação e assim contribuir para que uma identidade sólida à nação pudesse ser edificada. Fernão assim explicita em sua *Gramática*:

Porque Grécia e Roma só por isto ainda vivem, porque quando senhoreavam o Mundo mandaram a todas as gentes a eles sujeitas aprender suas línguas e em elas escreviam muitas boas doutrinas, e não somente o que entendiam escreviam nelas, mas também trasladavam para elas todo o bom que liam em outras. (OLIVEIRA, 1536, Capítulo IV)

Nota-se que, com uma visão única sobre o assunto, Fernão de Oliveira contribuiu para a consolidação da língua e consequente identidade nacional; ele compreendeu que língua é a marca de um povo. A *Gramática da linguagem portuguesa* objetiva, sobretudo, ser um documento histórico, deixando para a posteridade a descrição linguística de determinado período de tempo. “Grande observador dos usos”, Fernão trabalha com o pensamento aristotélico e considera a língua um processo lógico: “observa formas em relação a formas, e formas em relação a sentidos linguísticos” (NEVES, 2009, p. 38); e, assim, mostra que, por trás de suas convicções patrióticas, “ele sabe muito bem que os homens fazem a língua, e não a língua, os homens” (PERINI, 2009, p. 56).

Dentro destas constatações, Fernão de Oliveira nota o fenômeno da variabilidade linguística: “[...] a boca diz quanto lhe manda o coração e não outra coisa, pois cada um fala como quem é! Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades”. A língua é vista por ele como algo vivo, que se modifica e transforma com o passar do tempo e de acordo com as necessidades do falante. A língua, a linguagem e a variação linguística são o nosso ponto de análise, trataremos destas questões mais adiante.

1.1.2. Dos aspectos fonéticos

Partindo dos preceitos de língua e linguagem, e conseqüente entendimento de que as línguas variam, aspectos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa são colocados em pauta: “[...] porque em huma parte se usa de humas palavras, e pronuncia, e em outra parte se usa de outras palavras, e outra pronuncia, nao em todas as palavras, mas em algumas” (OLIVEIRA, cap. IV). Aqui faremos um levantamento um pouco mais profundo em contraponto aos outros tópicos posto que quase a metade dos cinquenta capítulos da gramática de Fernão tratam da questão dos sons na língua portuguesa. O autor, a seu tempo, descreve os fenômenos que observa a partir de critérios que viriam a formular a fonética como área de estudo anos mais tarde, como afirma Maria Bernadete Abaurre: “algumas de suas observações poderiam caracterizar-se, de fato, como preocupações de fonólogos modernos”. O autor faz uma longa descrição sobre os sons da língua portuguesa, sobretudo, como atenta Abaurre (2009, p. 62) sobre os principais fatos de natureza fonológica identificados por Fernão: distinção entre as qualidades vocálicas; distinção de tensão entre as consoantes; distinção de quantidade entre os róticos; nasalidade como um traço distintivo das vogais e acento.

Apesar de não nos atermos em fonética e de fonologia, é importante marcar a relevante contribuição de Fernão de Oliveira nestes assuntos. Abaurre (2009) explana sobre o estranhamento de se falar sobre fenômenos fonéticos e fonológicos em um gramático que escreveu muito antes de estas disciplinas serem constituídas tal como são: “Pode-se afirmar que a distinção metodológica entre fonética e fonologia surge apenas na primeira década do século XX” (p. 59). De fato, ao descrever sobretudo os sons da língua portuguesa, Fernão de Oliveira postula as bases para o desenvolvimento das disciplinas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da linguística como um todo.

Em sua *Gramática histórica*, Manuel Said Ali reconhece que não se pode falar de fonética sem se falar de história da língua portuguesa e que cabe justamente a este tipo de gramática descrevê-la: “Cabe à gramática histórica traçar e explicar, primeiro que tudo, as diversas modificações por que passaram os fonemas de uma língua no decorrer dos séculos” (p. 33). Said Ali inicia, então, a descrição fonética em sua gramática com “Os sons em português e sua representação”, na qual, tal como Fernão, as distinções vocálicas são colocadas em primeiro plano. Se Fernão afirma: “Temos *a* grande como Almada e *α* pequeno como *α*lemanha”, Said Ali

o reconhece em sua gramática: “A distinção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo”. Devemos ressaltar que em Fernão não se observam requintes de terminologia; assim, ele identifica, por exemplo, vogais como “grandes” ou “pequenas”, ou seja, abertas ou fechadas.

Talvez a abordagem mais importante sobre fonética feita por Fernão de Oliveira seja a descrição de nasalidade. Cunha e Cintra definem que, do ponto de vista articulatorio, se a posição do véu palatino durante a passagem da corrente expiratória estiver abaixado, uma parte da corrente expiratória ressoará na cavidade nasal (2007, p. 34). Não com a especificidade dos critérios de uma disciplina formulada, Fernão havia descrito tal fenômeno de forma muito parecida ao afirmar que: “como fazemos do til nas vogaes quando também mudam sua voz. Digo que mudam a voz porque não é a mesma voz vila e vilã; mas o til que lhe posemos muda a qualidade do *a* de clara voz em escura e mete-o mais pelos narizes” (ABAURRE, 2009, p. 66). Aqui mais uma vez notamos o pouco requinte da terminologia ao retratar a voz que se transforma de “clara” em “escura”, ou seja, mais anasalada. Cumpre destacar que, de acordo com os estudiosos citados, o reconhecimento das vogais nasais por Fernão de Oliveira foi de suma importância, posto que, até então, nada deste tipo havia sido considerado em língua portuguesa.

1.1.3. Da descrição do concerto

Fernão de Oliveira pouco descreve em sua gramática o concerto, ou seja, a sintaxe do português; porém, suas escassas contribuições foram de relevância ímpar para os estudos e desenvolvimento da disciplina. Sobretudo, segundo Maria Eugenia Duarte, “duas observações que se perderam na tradição gramatical e que hoje retornam aos estudos linguísticos em propostas recentes no âmbito da teoria gerativa estão na gramática de Oliveira” – ou seja, Fernão, mais uma vez, fez escola:

“Uma delas é que o autor, ao mencionar os pronomes que conservam as marcas de caso, não inclui o acusativo *o* [...]. Uma outra interessante análise, comprovando a tão propalada originalidade do autor, aparece no capítulo XLIII [Dos artigos], em que ele afirma que os artigos ‘diversificam ou variam a forma de sua voz em gêneros, números e sacos’” (DUARTE, 2009, p. 207)

Entretanto, Fernão de Oliveira estava consciente de que suas descrições sobre o concerto em *Gramática* não contemplavam todo o seu conhecimento: “Nesta derradeira parte, que é da construção ou composição da língua, não dizemos mais, porque temos começada, hua outra obra em que particularmente e com mais comprometimento falamos della” (OLIVEIRA, 1536, Capítulo XLIX).

1.1.4. Da lexicologia

No âmbito da lexicologia, um dos temas mais caros que Fernão de Oliveira traz à luz é, sobretudo, a discussão sobre arcaísmos e neologismos. Assim, começa tratando de vocabulário no Capítulo XXX e relata, nos capítulos seguintes, as “Dições velhas”, as “Dições novas” e as “Dições usadas”. O que chama atenção nesta parte é que, reconhecendo estas formas, Fernão também reconhece que elas estão “fora de seu tempo” (ALKMIM, 2009, p. 101). O que Saussure vem a discutir anos mais tarde no *Curso de Linguística Geral*, Fernão já havia percebido, ou seja, o aspecto diacrônico da língua.

Fernão mais uma vez parte do pressuposto de que a língua precisa se adaptar a necessidade de quem a fala. Para o autor, novas palavras surgem tendo em vista a necessidade expressiva do falante, e outras palavras desaparecem. Ao mesmo tempo em que ocorre este processo, as “dições usadas” trazem o vocabulário corrente da língua, ou seja, aquele que não causa aos falantes nem zombaria por ser antiquado nem estranhamento por ser novidade.

2. Procedimentos metodológicos

Os estudos aqui desenvolvem-se por meio da análise do discurso de Fernão de Oliveira em *Gramática da linguagem portuguesa* e da comparação entre a sua gramática e a de Cunha e Cintra, *A nova gramática do português contemporâneo*.

2.1. Corpus

A pesquisa dar-se-á através de dois pontos principais; o primeiro, por meio da visão de Fernão de Oliveira sobre as concepções de *língua* e de *linguagem* e da maneira como a língua

portuguesa foi fundamental para a formação da identidade nacional de Portugal. O segundo ponto passível para análise dentro deste contexto histórico é o de que o legado deixado por Fernão foi não só de descrição gramatical simplesmente, mas vislumbra-se também sua preocupação com o fenômeno da variação linguística. Por meio de um estudo que comparará a gramática de Fernão (1536) e a de Cunha e Cintra (2007), este trabalho visa traçar uma linha evolutiva dos aspectos da língua e verificar preceitos formulados por Fernão que ainda hoje estão presentes em gramáticas contemporâneas.

2.2. Organização de dados

Tendo em vista os pontos observados no decorrer deste artigo, trataremos, agora, primeiramente dos preceitos sobre *língua e linguagem*, *variabilidade linguística* e *unidade e diversidade* observados por Fernão de Oliveira visando verificar a presença de seu pensamento na gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra. Assim, os pontos de análise encontram-se na tabela abaixo.

2.3. Categorias de análise

Quadro 1

Fernão de Oliveira (1536)	Cunha e Cintra (2007)
Língua e linguagem como sinônimo de identidade	Língua e linguagem como sinônimo de liberdade
Variabilidade linguística como formas da língua	Variabilidade linguística como forma de unidade
Unidade e diversidade – elementos de correlação	Unidade e diversidade – elementos de correlação

Fonte da autora

3. O pensamento de Fernão de Oliveira na atualidade

3.1. Da língua e da linguagem

Fernão de Oliveira é dono de uma visão inovadora sobre a língua portuguesa. Ao compreender que a língua é algo mutável, compreendeu também, nas entrelinhas, que ela é um organismo vivo, em que o todo é formado pelas várias partes. Para Fernão, a língua e a

linguagem são reflexo de um sujeito, e é o sujeito quem representa uma nação. Tão interligadas são as relações entre os indivíduos e a língua observadas pelo autor.

Para trazer Fernão de Oliveira à atualidade, Cunha e Cintra nos oferecem um bom aporte teórico. *A nova gramática do português contemporâneo* (2007) é uma obra ímpar e que contribuiu significativamente, por meio de apurado senso linguístico, no âmbito dos estudos gramaticais no Brasil. A gramática de Cunha e Cintra, segundo os próprios autores, pretende ser “um tratado de liberdade porque permite que nos tornemos conscientes de estruturas que utilizamos cotidianamente”. Sobretudo, para os autores:

Abrir uma gramática significa fazer uma opção não pela coerção da norma mas pela liberdade de reconhecer nossas construções verbais e de nos movimentarmos, com maior desenvoltura, pelas classes gramaticais e funções sintáticas sem que isso nos faça esquecer que tudo são palavras e que a língua é uma unidade, e ela própria nos unifica em nossa condição. (CUNHA E CINTRA, 2007)

Podemos encarar tais constatações como sendo reflexo do pensamento de Fernão de Oliveira uma vez que o quinhentista afirmou:

[...] com muita firmeza, quero que minhas obras se pubriquem sob titulo de seu nome. E dellas seja a primeira esta como prologo da outras, anotação em alghuas cousas do falar português; na qual ou nas quaes eu nao presumo ensinar aos que mais sabem, mas notarei o seu bo costume. (In NICOLAU, 2009, p. 154)

O tom das duas obras, aqui, assume a vertente descritivista. Tanto Fernão quanto Cunha e Cintra apresentam a norma culta – o bom costume – em suas gramáticas, mas sem deixar de observar as outras formas de uso – não tão bem aceitas, mas também não menos importantes dentro de seus contextos. Não obstante, Cunha e Cintra, como supracitado, assumem o posicionamento fundamental de Fernão de Oliveira: “a língua é uma unidade, e ela própria nos unifica em nossa condição”. Como visto na seção 1, Fernão de Oliveira foi o primeiro a visualizar a língua desta forma quando da necessidade de consolidar a identidade de seu povo. Assim, confirmamos nos três autores a consciência de que a língua é um elemento fundamental, um fenômeno que insere os falantes em uma sociedade. Com relação ao conceito de linguagem, para Cunha e Cintra a “linguagem é resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social” (2007, p. 1), os autores também salientam, (p. 2) sobre a

interdependência desses aspectos e, assim como Fernão, a encaram como uma rede que se interliga através do sujeito e da sociedade na qual ele está inserido.

Não obstante, mais um ponto de convergência nas obras analisadas é sobre a valia do uso nas quais os autores se baseiam. No supracitado “estruturas que utilizamos cotidianamente”, de Cunha e Cintra, devemos observar o que diz Fernão:

Ser eu curto em meu escrever e não ser mui ornado com bos exemplos; e a falta d'alghuas cousas que devera escrever e não fiz; e a dissonancia d'alghus termos novos nesta arte que pus, *usando de vozes proprias da nossa lingua*⁴, tudo ante quem não folga de dizer mal terá escusa com olhar a novidade da obra e como escrevi sem ter outro exemplo antes de mi. (Capítulo L)

As *estruturas que utilizamos cotidianamente* e as *vozes próprias* são, sem dúvida, o instrumento de trabalho desses gramáticos. Os autores conseguem, assim, aproximar suas obras dos falantes. Pode-se dizer que o que foi proposto é (i) as línguas convergem para um conjunto de normas que deve ser observado, a norma culta e (ii) a norma culta não representa a totalidade da língua nem de seus falantes.

3.2. Da variação

Na *Gramática da linguagem portuguesa* temos a visão de um autor que descreve a língua conforme o seu uso. Partindo desta concepção, observa-se que Fernão reconhece o fenômeno da variação linguística, visto a partir do contexto histórico, do geográfico e do sociocultural. Histórico no ponto em que “hua mesma nação e gente de hum tempo a outro muda as vozes e também as letras”; geográfico ao perceber que “os da beira têm huas falas e os d’Alentejo outras” e sociocultural quando identifica que “os aldeãos não sabem as falas da corte”. Fernão reconhece que, apesar das diferenças, todas estas formas de falar são características da língua portuguesa e inatas aos seus usuários. De grande visão, o autor, assim, vale-se disso como meio para descrever os fatos gramaticais e, apesar de afirmar que há normas de *bom costume*, não deixa de considerar todos os falares formas de comunicação entre os homens.

Ao rejeitarem a norma culta como a única a ser seguida, os autores aqui estudados aceitam a variabilidade linguística como algo intrínseco à língua. Observamos em Cunha e

⁴ Grifo nosso.

Cintra que “todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários” (2007, p. 4). O que dizem os gramáticos contemporâneos, com base nos estudos desenvolvidos por estudiosos da variação linguística, Fernão já havia considerado: “A obra de Oliveira evidencia também a clareza desse autor quanto ao fato de toda língua comportar variação, que pode ser espacial ou social” (NICOLAU, 2009, p. 152). Cunha e Cintra concordam com esta afirmação: “Condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua” (2007, p. 3), mas diferem quanto à divisão dos tipos de variação. Se Fernão observa variações históricas, geográficas e socioculturais, Cunha e Cintra dividem as variações em geográficas, socioculturais e de modalidade expressiva. Os autores não falam em variação linguística diacrônica e assumem um novo tópico, a “modalidade expressiva”, que são as diferenças entre “língua falada, língua escrita, língua literária etc.” (2007, p. 3).

Ainda devemos observar mais um conceito em Fernão de Oliveira – unidade e diversidade. Dinah Callou (2009) observa que estes conceitos estão presentes em todos os capítulos da obra de Fernão; assim, podemos afirmar que unidade e diversidade são conceitos tão intrínsecos no quinhentista que fazem parte de seu pensamento linguístico de forma nata que se torna natural. A autora ainda aponta que em Fernão já se via a intenção de “unidade na diversidade” e “diversidade na unidade”. Cunha e Cintra, citando Serafim da Silva Neto, dizem exatamente o que Callou observa em Fernão de Oliveira: “O que é certo, porém, é que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da *unidade na diversidade* e da *diversidade na unidade*” (2007, p. 9).

Observamos que, por mais que o português tratado tanto por Fernão quanto por Cunha e Cintra apresentem variedades, a unidade sistêmica da língua surge, portanto, como elo. Por mais que as variações possam causar certa estranheza a algum usuário que não esteja acostumado a este falar, a unidade linguística está por trás de tudo e oferece a possibilidade de comunicação entre os falantes mesmo que de diferentes idades, como o jovem e o idoso; lugares, os do norte e os do sul; e classes. Assim, podemos verificar nos três autores que (iii) a variabilidade linguística é intrínseca à língua e (iiii) a língua é formada por partes que apresentam diversidade, as quais formam uma unidade, ou seja, um todo.

4. Considerações finais

Com o passar do tempo alguns conceitos vão perdendo sua autoria no sentido em que, de tão bem aceitos e intrincados em nosso pensamento, já não se sabe mais de onde se originaram. O que vimos neste artigo é que Fernão de Oliveira, o primeiro gramático da história, fundou as bases nas quais se consolidaram algumas das mais importantes ramificações dos estudos linguísticos. Assim, vimos que as ideias de Fernão de Oliveira correm como em filigrana, traçando uma linha lógica na qual o seu pensamento gramatical se desenvolve.

As análises dos dados nos mostram que o pensamento gramatical de Fernão de Oliveira se revelam na gramática de Cunha e Cintra nos pontos em que (i) as línguas convergem para uma forma que deve ser seguida, a norma culta; (ii) a norma culta não reflete a língua como um todo e nem os usos linguísticos que fazem os; (iii) a variabilidade linguística é intrínseca à língua e (iiii) a língua é formada por partes que apresentam diversidade, as quais formam uma unidade, ou seja, um todo. Observamos que, apesar da diferença de 471 anos, as gramáticas dialogam. O que visamos mostrar neste artigo é que Fernão observou e descreveu preceitos que hoje são de senso comum no âmbito dos estudos linguísticos. Pioneiro, seu trabalho não só consolidou a língua portuguesa como identidade nacional à sua época como também deixou como legado várias contribuições para o desenvolvimento da linguística da forma que a entendemos hoje. Não se trata, aqui, de uma ode ao autor mas, sim, de reconhecer os devidos méritos à sua visão avançada de língua e linguagem. Se nas gramáticas contemporâneas vemos reflexos dos seus pensamentos, deveríamos ver, contudo, referências à sua obra. O que verificamos aqui é que Fernão de Oliveira não é citado por Cunha e Cintra, o fio que o ligava à contemporaneidade emaranhou-se no meio do caminho e deixou seu nome para trás.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. Bernadete. *Fernão de Oliveira: as “reflexões fonológicas” de um autor no século XVI*. In *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- ABAURRE, M. Bernadete; PFEIFFER, Claudia; AVELAR, Juanito (Orgs.). *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- ALKMIM, Tania. *A noção de “boa língua” em Fernão de Oliveira: o uso como fundamento*. In *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- ASSUNÇÃO, Carlos; SANTOS, Helena Pessoa. *Da Idade média a Fernão de Oliveira, o primeiro gramático da lusofonia*. In *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BUESCU, Maria Leonor C. *Historiografia da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984.
- CALLOU, Dinah. *De Fernão de Oliveira e da (socio)linguística*. In *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.
- DUARTE, M. Eugenia Lamoglia, *Algumas concepções sobre sintaxe em Fernão de Oliveira*. In *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: Publifolha, 2006.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. *A obra de Fernão de Oliveira: uma técnica do uso linguístico no século XVI*. In *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- NICOLAU, Eunice. *A influência do contexto histórico-social na reflexão de Fernão de Oliveira: língua e sociedade na Gramática da Linguagem Portuguesa (1536)*. In *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa*. Lisboa: In-cm, 1975.
- PERINI, Mário A. *Descrição e prescrição em Fernão de Oliveira*. In *Fernão de Oliveira: um gramático na história*. Campinas: Pontes, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.